



Universidades Lusíada

Queirós, Maria José, 1945-

Testemunho sobre a professora Maria Augusta Negreiros

<http://hdl.handle.net/11067/4189>

<https://doi.org/10.34628/10qx-6s71>

Metadados

Data de Publicação	2003
Palavras Chave	Negreiros, Maria Augusta Gerales, 1941-2003 - Crítica e interpretação, Serviço social - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 27 (2003)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T11:22:29Z com informação proveniente do Repositório

Testemunho sobre a professora Maria Augusta Negreiros **

Devíamos tê-la homenageado em vida. Pelo que ela protagonizou e liderou; pelos movimentos que conduziu; pelas lutas que levaram a tantas conquistas importantes para a formação e para o exercício profissional.

Ela foi uma mestre, uma fundadora.

Devíamos tê-la acarinhado mais, sobretudo neste último ano em que continuava a lutar pelas suas convicções e em que lutava, também, pela vida.

Devíamos, (eu devia), ter-lhe mostrado o nosso (o meu) reconhecimento, pela valorização e pela visibilidade social da nossa profissão, da nossa formação, da nossa escola, que, em grande parte a ela devemos.

Esquecemo-nos da humanidade das relações; andamos envolvidos em coisas pequeninas; perdemos a visão da totalidade, do essencial, vazios que estamos do que dá sentido à vida, do reconhecimento, do amor...

David, João, Rita, professores, funcionários e alunos desta escola, restantes convidados, queridos professores da PUC:

Pediram-me um testemunho. Ele vai ser necessariamente breve. Assim me obrigam os cinco minutos que a comissão organizadora desta homenagem me concedeu.

**Intervenção realizada na Sessão *In memoriam*: Maria Augusta Negreiros, em 19 de Fevereiro de 2003

É impossível dizer em tão pouco tempo tudo o que a Maria Augusta realizou, tudo o que de significativo e marcante nos deixou. Talvez, ainda nesta sessão, ou em outras homenagens que se sigam, seja possível reconstituir a dimensão dos seus contributos, como pessoa, como mulher, como profissional, como professora, como colega, como amiga.

Desde que entrei nesta escola, em 1974, a seu convite, um longo caminho foi percorrido marcado por mudanças decisivas no Serviço Social, na formação académica, na estruturação curricular, no desenvolvimento e legitimação da profissão na nossa sociedade.

Em todas as transformações, o papel da Maria Augusta foi decisivo e pioneiro.

Não esquecendo o processo e as dinâmicas institucionais dos anos setenta, na sequência do da revolução de Abril de 1974, nem os actores colectivos que as protagonizaram, numa articulação do movimento da escola com o movimento social e que foram a génese de mudanças futuras na escola e na formação, passo a lembrar alguns dos marcos que sinalizaram essas mudanças em que a Maria Augusta participou como organizadora e como líder:

A constituição da Cooperativa ISSSL em Abril de 1986, da qual foi sócia-fundadora, o que determinou a desvinculação definitiva e formal da escola da tutela da Igreja com a consequente laicização do ensino de Serviço Social e a ruptura com a herança de cariz confessional e conservador que marcara a profissão em tempos de ditadura;

A atribuição do grau académico de licenciatura aos cursos ministrados pelos Institutos de Lisboa e do Porto, em Setembro de 1989. A partir desta data, a formação académica dá um salto qualitativo em termos de “legitimação e reconhecimento social” – utilizando as suas palavras – e passa a inserir-se, no quadro da Lei de Bases do Sistema Educativo, no sistema universitário português;

A atribuição de grau de licenciatura determina uma mudança no sentido da configuração académica ao modelo universitário, o reconhecimento da autonomia científica do ISSSL e a exigência de qualificação dos docentes com os graus académicos universitários.

Outro evento que marca uma viragem decisiva na formação em Serviço

Social, foi a criação em 1987, do Primeiro Mestrado em Serviço Social português, através do protocolo com a PUC de São Paulo.

Este protocolo fez parte de uma estratégia que articulava a necessidade de qualificação do quadro docente da Área de Serviço Social com a luta pela obtenção do grau de licenciatura.

No quadro do protocolo com a PUC, outros mestrados se seguiram, assim como o primeiro curso de doutoramento, até que, em Março de 1995, o Ministério da Educação reconheceu a competência do ISSSL de Lisboa para passar a conceder, ele próprio, o grau de mestre em Serviço Social.

Um dos últimos sonhos que a Maria Augusta não chegou a ver concretizado, na continuidade do seu trabalho de afirmação social desta escola e desta formação, foi o da possibilidade do ISSSL vir a conceder o grau de doutoramento em Serviço Social.

Em todo este processo, cujas principais etapas sinalizei, e em que a Maria Augusta no contexto de um movimento colectivo, foi o elemento decisivo e determinante, as ideias – força que sustentaram a sua (nossa) utopia (e, creio que não vou trair as suas convicções, ao enunciá-las aqui e desta forma) são as seguintes:

- A defesa intransigente da autonomia institucional da formação em Serviço Social, livre das tutelas que lhe marcaram o passado e das que, eventualmente, se poderiam vir a desenhar no futuro;
- A ideia da possibilidade do Serviço Social, enquanto área disciplinar, “...desenvolver uma atitude analítica de produção e construção do conhecimento” e , enquanto profissão “... intervir aos níveis da decisão política e do planeamento estratégico no espaço organizacional”;
- A ideia de que a qualificação da formação, aos níveis da graduação e da pós-graduação, a investigação e a formação de massa crítica, criam as condições para o Serviço Social responder efectivamente aos desafios e problemas postos na actual conjuntura, intervindo de forma competente face a estes problemas;
- A ideia de que o Serviço Social, tanto no quadro da formação académica como no campo do exercício profissional, está sujeito a

determinações resultantes do jogo das relações sociais, e por isso é histórica e socialmente condicionado – mas que, pelas articulações que estabelece e pela mobilização e luta que for capaz de desenvolver no campo dessas relações, assim como pela análise e construção que elabora a partir da explicitação dos saberes e das práticas, tem potencialidades, como categoria profissional de tornar-se “sujeito da sua própria trajectória”. (Citação da obra colectiva “Serviço Social, profissão e Identidade. Que trajectória”, de 1999.)

Neste tema, a Maria Augusta, adopta o ponto de vista dum Serviço Social politicamente comprometido com a transformação da sociedade.

Não me posso alongar mais. Mas antes de finalizar este testemunho quero deixar-vos uma última ideia que me parece ser fiel ao pensamento da Maria Augusta:

Nestes tempos difíceis de retracção dos direitos sociais e de risco, pensando em termos planetários, da perda do valor essencial do respeito pela dignidade da pessoa humana;

Que a formação em Serviço Social, que a formação desta escola, tenha sempre presente um projecto comprometido com a transformação social; que esse projecto, para além do compromisso político com os mais desfavorecidos, com os que não têm poder económico e social, seja um projecto intelectualmente sério e consistente;

Que o ensino-formação se pautе pelo rigor, pela consistência teórico-científica e pela consciência da sua dimensão formativa;

Pela ideia da responsabilidade em formar futuros assistentes sociais com uma identidade profissional auto-valorizada, com posturas de grande respeito pela dignidade dos que são sujeito/objecto da acção profissional e que defendam os valores universais da profissão – a justiça social e a autodeterminação.

Maria José Queiroz
Docente do ISSSL